

**Ana Luiza Miranda**

**Leitura, reescrita, rede social e sala de aula**

**Brasília/2014**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Instituto de Letras — IL**

**Leitura, reescrita, rede social e sala de aula**

**Artigo orientado pela Profa. Ormezinda Ribeiro**

**Brasília/2014**

## **Leitura, reescrita, rede social e sala de aula**

(Reading, rewriting, social network and classroom)

Ana Luiza MIRANDA<sup>1</sup>

Universidade de Brasília

*ABSTRACT: This article search to analyze and discuss the relation between the text and the student of high school, as the role of the teacher as mediator between the classic literary work and the teenagers. Proposing, from the nearest student user of social networks open a path for reading and rewriting to improve the reader-work meeting in the classroom, in order, of course, form critical readers, not just superficial readers seeking scores and changing series.*

*KEY-WORDS: reading, rewriting, mediation.*

*RESUMO: Este artigo procura analisar e discutir a relação entre o texto e o aluno de Ensino Médio, bem como o papel do professor como mediador entre a obra clássica literária e o aluno adolescente. Propondo, a partir da aproximação do aluno usuário das redes sociais abrir um caminho de leitura e reescrita de forma a melhorar o encontro leitor-obra em sala de aula, visando, claro, formar leitores críticos, e não somente leitores superficiais que buscam pontuações e mudança de série.*

**PALAVRAS CHAVE: LEITURA, REESCRITA, MEDIAÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português da Universidade de Brasília.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a literatura está presente na história do homem, aqui tratando da vertente ocidental tal qual se apreende pelo currículo escolar. Citemos os gregos e seus versos, contando suas sagas, mitologia nórdica, Camões e seu *Os Lusíadas*, os ultrarromânticos melancólicos com suas mulheres perfeitas e lânguidas. O Brasil, com suas cartas coloniais descritivas, os sermões de Padre Vieira, poetas irreverentes e rebeldes, como Gregório de Matos e os clássicos de Machado de Assis. Entre tantos outros! Por ser um jovem país, tem-se a ideia de literatura sem identidade formada e imitadora frequente dos padrões do velho mundo. A famosa Síndrome do vira-latismo.

A questão é que muito foi produzido e verdadeiras obras literárias de peso foram publicadas. Visando a maior inserção do brasileiro no mundo da literatura, o currículo escolar sempre perpassa (principalmente no Ensino Médio) a leitura dos clássicos brasileiros. Autores como Graciliano Ramos, Clarisse Lispector e Machado de Assis, são trabalhados nas salas de aula com frequência. A questão é: Como são trabalhados?

Geralmente, para cumprir um tempo de aula e um currículo obrigatório visando os exames de vestibular, o professor apresenta o livro, fala sobre o autor, vida e obra, enquadrando-o em uma escola literária cheia de datas marcadas e uma listagem de características que o padronizam em determinada escola, e cobra a leitura dos alunos por meio de provinhas, redações, relatórios e resumos.

Este é o jeito comum e mais usual. O problema aqui é deixar ao aluno a ideia de que leitura é apenas a apreensão do relato contado. A leitura pode ser horizontal e vertical. Sendo horizontal a leitura que se faz do relato contado, da, por assim dizer, historinha. E sendo vertical a leitura entremeada do texto, e seus aspectos, mergulhando no texto e enxergando seus rastros.

Em seu artigo *A leitura na escola e a formação do leitor no Ensino Fundamental I*, Thaís Oliveira Andrade (2002) esmiúça a função da escola no processo de formação de leitores:

“Nesse sentido, a escola é a entidade que tem a função latente e manifesta de ensinar a ler e oportunizar aos educandos situações de ensino-aprendizagem que venha a contribuir para a formação do sujeito e determine sua condição de atuante em seu meio social, propiciando caminhos para que eles aprendam de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. A

escola efetivamente é uma fábrica de leituras e leitores que pode ser convenientemente trabalhada para gerar leitores reflexivos e críticos.

A instituição escolar deve organizar, criar e adequar em suas metodologias e matriz curricular propostas e estratégias efetivas de leitura, que favoreça a formação de leitores competentes. Enfocando a reflexão de suas práticas para o ensino da leitura, tentando ajustar sua didática ao aprendizado completo do aluno.” (ANDRADE, 2012.)

Além de ter a competência de realizar todo o processo afirmado pela autora o ensino brasileiro se organiza de acordo com um currículo anual, que deve ser cumprido de maneira a avaliar sempre a evolução do aluno segundo provas e exames que cobram a matéria citada ao longo de bimestres. De forma que, no Ensino Médio, resta ao professor de literatura (geralmente responsável também por gramática e redação) instigar o aluno a ler, e ainda fazer desse aluno um leitor de mundo, que enxerga na literatura não apenas uma nota de prova, mas uma lente que aumenta a percepção da vida. Isso tudo ainda, competindo com as novelas, oriundas dos folhetins que eram publicados em jornais capítulo por capítulo e instigavam a curiosidade do leitor fazendo-o comprar todos os dias seu exemplar do jornal para saber o que viria no próximo capítulo.

Hoje as novelas são escritas diretamente para a televisão e encenadas por atores, mas continuam sendo, sem dúvida alguma, o gênero mais procurado por brasileiros. Além das novelas, o professor de literatura tem que digladiar com uma nova fonte de entretenimento, dessa vez mundial: as redes sociais. Os avanços da tecnologia fizeram encurtar distâncias e possibilitaram a comunicação global ao alcance de um computador ou até mesmo de um *smartphone*. Como canta Gilberto Gil “Antes mundo era pequeno porque Terra era grande. Hoje mundo é muito grande porque Terra é pequena” (1992). As distâncias se encurtaram e toda uma geração se desenvolve dentro dessa realidade virtual.

Utilizando como inspiração inicial o texto de Gabriela Rodella, publicado virtualmente, *A literatura não pode partir dos clássicos*, a proposta deste artigo é discutir como é realizada a leitura em sala de aula, por alunos do Ensino Médio e sua interação a partir dessa leitura. Acrescentando ainda a tentativa de visibilizar o quanto as redes sociais estão afetando, inclusive a leitura em sala e fora dela.

Para avaliar mais de perto esta interação aluno-livro-rede social-sala de aula a metodologia utilizada foi um exercício de reescrita. Os alunos receberiam um capítulo curto de *Dom Casmurro* de Machado de Assis e deveriam ler e reescrever aquela história segundo as próprias palavras. Não

apenas um resumo, mas uma reescrita que visava modernizar linguística e esteticamente o texto.

Dessa forma, ficaria possível compreender por meio da análise da escrita dos alunos a influência do meio virtual e do tipo de leitura que um aluno faz ou está disposto a fazer de um clássico como esse.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE LEITURA**

A era da globalização, do encurtamento das distâncias e da praticidade superou toda e qualquer expectativa nos inserindo em realidades virtuais que norteiam mais a vida humana do que a própria vida humana. Hoje, em um click tudo pode mudar. Reputações, destinos, relacionamentos... É a grande era das interações virtuais.

O que isso tem a ver com o processo de leitura? Bom, além de ocupar grande parte do tempo que poderia ser usado no desbravamento de um livro, as redes sociais também são responsáveis pela adequação de grandes informações em temas curtos, linguagem clara e mensagens rápidas. O que gera um público cada vez mais exigente com aproximação linguística de um texto, objetividade do assunto do mesmo e claro, transmissão rápida de informação.

“Recentemente, o aparecimento das redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter, MySpace) permitiram aos usuários da internet vivenciar as mais diversas relações para além das suas comunidades locais. A principal característica dessas redes é a interatividade em tempo real.

Vale dizer que nem sempre o surgimento de uma nova tecnologia propiciará a criação de um gênero textual novo. E do mesmo modo, é importante frisar que novos gêneros textuais são constituídos a partir de velhas bases. Nesse sentido, podemos observar que a carta é um gênero textual semelhante a uma conversa, e, por sua vez, o e-mail nos remete a constituição de uma carta. Consequentemente, todas essas transformações presentes na contemporaneidade, que surgem fora dos ambientes escolares, devem ser incorporadas às suas práticas de modo a favorecer ainda mais o processo de ensino-aprendizagem, visto que são ferramentas presentes cada vez mais no cotidiano dos jovens (SETTON, 2010).” (LIRA; JÚNIOR; SILVA, 2011.)

Se cada vez mais jovens e adolescentes, consomem esse tipo de interação com a palavra e com a língua, é de se compreender a distância deles dos grandes clássicos cobrados em sala de aula. Barreiras linguísticas se

apresentam, mas não só isso, mas a fama dos livros de serem chatos, cansativos e difíceis de entender, características que provavelmente advém desta barreira linguística. Além, é claro, do fator obrigatoriedade que arrefece todo o entusiasmo de leitura.

## 2.2 O BRASILEIRO É UM LEITOR OU NÃO?

Sempre o primeiro contato entre leitor e livro (principalmente as obras clássicas) se dá na escola. A professora Ormeizinda Ribeiro, em seu artigo *De Fernando Sabino a Machado de Assis: Uma releitura de Dom Casmurro*, discute a importância da escola para o processo de leitura, abordando as competências necessárias para formar verdadeiros leitores, partindo do ponto de que a leitura é uma interação entre eu e outro:

“Assim ao se falar em leitura como processo de interação, exige-se que a escola esteja inserida num modelo de uso social da linguagem. Deve-se considerar como elementos constitutivos da produção de sentido: o texto, os sujeitos interlocutores, o contexto sócio histórico, o explícito e o implícito no texto e a intertextualidade, para que o indivíduo possa agir crítica e criativamente, fazendo-se sujeito historicamente capaz.” (Ribeiro, 2006.)

A grande fama brasileira é a da não leitura. Por conta das adaptações televisivas e das telenovelas, tem-se a impressão nítida de que o adolescente brasileiro, atuante no Ensino Médio lê mal e mal o que lhe é imposto em sala de aula.

Mas em seu artigo, *A literatura não pode partir dos clássicos*, Gabriela Rodella, doutora em educação pela USP, contrapõe duas realidades que caminham paralelamente redefinindo esta ideia de que o brasileiro não consome leitura:

O cenário é preocupante. Na maioria das aulas, o trabalho com o texto é substituído pela memorização dos períodos históricos literários e das características de época. Além disso, a leitura dos clássicos, difícil sem uma mediação adequada, dá lugar à leitura de resumos, que obviamente não dão conta dos romances estudados.

Por outro lado, a pesquisa constatou que os alunos leem! Talvez não aquilo que seus professores gostariam, mas o que lhes interessa: livros de aventura, cheios de ação, que dão origem a seriados, filmes e videogames e livros românticos, que as meninas devoram

rapidamente. Essa “literatura de entretenimento” fica fora da sala de aula, sem direito a discussão ou reflexão.” (RODELLA, 2014.)

Em seu questionamento principal a autora traz ainda dois passos para incentivar a leitura escolar, sendo o primeiro a busca pelos livros de entretenimento, fazendo com que os alunos tragam para a sala o seu gosto próprio, além de compartilharem e descobrirem outras possibilidades de degustação literária. E o segundo seria a inserção das obras do “cânone escolar”, os chamados clássicos, nas aulas de português, utilizando-se da leitura conjunta dessas obras — comprovadamente um método incentivador da leitura — para mediar o adentrar do aluno.

Bom, é inegável que a leitura conjunta, e o desvendamento de um texto unindo professor e aluno incentiva a leitura e tem sido um método de sucesso na formação acadêmica, por exemplo. Em sua grande parte os professores de literatura das graduações apresentam um programa com os livros a serem trabalhados e realizam a leitura vertical em sala, conjuntamente com a turma.

Mas o aluno do Ensino Médio, não é um aluno disponível inicialmente à leitura do que lhe é imposto. Como ex-aluna posso testemunhar diversos métodos utilizados pelos profissionais como tentativa de incentivar os alunos a ler não só o enredo superficialmente (horizontalmente), mas também apreender mais severamente imagens, idiosincrasias e entrelinhas (verticalmente).

Uma delas, por exemplo, foi a interdisciplinaridade, que permitia aos professores de Física, Química e Matemática realizarem questões baseadas nos livros lidos naquele bimestre. Ou a formação de uma caixa de leitura, que propunha aos alunos trazerem um livro cada um e realizarem um rodízio entre si, de forma que todos pudessem ler o livro de todos, mas sempre havia, como não pode deixar de ser, a avaliação do professor em forma de resenha, fichamento ou resumo.

Esta estratégia tem eficiência em fazer o aluno ler e apreender os detalhes que se passam na história enquanto enredo, enquanto acontecimentos lineares sendo relatados. Mas quando se trata de incentivar o aluno a adentrar nas entrelinhas, na subjetividade, na leitura mais aprofundada e enfim no que realmente é a literatura essa estratégia pode, ao contrário, distanciar o aluno deixando-o focado apenas em decorar o enredo para obter pontos nas avaliações e passar de ano, ou no vestibular.

A autora afirma ainda, categoricamente, que “ninguém aprecia o que não conhece”, levantando assim a importância de entender que o aluno tem gosto próprio, preferências e total afastamento deste tipo de leitura, não porque repudia, mas porque ainda não teve contato com o mesmo. (RIBEIRO, 2006)



## **2.3 EXPERIÊNCIA COM O EXERCÍCIO DE REESCRITA**

Levando em consideração essa afirmação, a ideia pensada foi a de, por meio de uma abordagem mais leve, proporcionar aos alunos um primeiro contato com uma obra clássica. A escolhida foi Dom Casmurro de Machado de Assis. Essa aproximação seria realizada por meio da reescrita de um capítulo em questão do livro. Os alunos deveriam ler o capítulo e reescrevê-lo com o bônus de trazer ao máximo a linguagem para o português contemporâneo.

Desta forma, além de proporcionar o primeiro contato, seria possível realizar uma análise desses discursos tentando encontrar ainda, rastros dos vícios da informalidade do meio virtual, ou da praticidade das construções do mesmo meio.

Foi realizada uma abordagem informal, completamente desprendida de compromissos. Um contato em comum com uma escola pública da Ceilândia, um aluno, que reagiu de maneira positiva inicialmente dizendo terem feito uma redação sobre o tema alguns dias antes. E logo já disse: "Vou pedir para o professor fazer, porque ele ama ver a gente se dando mal...". Percebe-se desde já a trava entre professor e aluno.

Apesar do desprendimento na abordagem, a informalidade e a liberdade dada aos alunos, o resultado das reescritas foram negativos. Poucos devolveram, tornando os dados escassos, mas os motivos de questionamentos muitos. Os que devolveram não entenderam a proposta de reescrita e fizeram réplicas do texto de Machado.

Ao professor restou a afirmação de que "eles não leem mesmo". E à pesquisadora a sensação de inquietação de porque é tão difícil fazer ler.

## **3. CONCLUSÃO**

Buscando transformar a falta de trabalho dos alunos em matéria para enxergar os rastros da situação do ensino de Literatura no Ensino Médio, esta pesquisa entendeu que a falta de obrigatoriedade pode acarretar em não realização da leitura. O problema do "fazer leitores competentes" no Ensino Médio encontra-se não nas imposições, mas na aproximação feita por aquele que já conhece a obra, já a degustou, leu, releu e processou, daquele que ainda não teve contato com a mesma:

“Não há leitura de texto em sala de aula se não se percebe que o texto é um modo singular de articulação da linguagem de outro sujeito, e se o professor não apresenta ele mesmo sua leitura singular, que uma vez realizada neste registro, funcionaria como um ato de interdição, pré-condição para qualquer alteridade, a outras que, para existirem, precisariam a ela se contrapor. (BARZOTTO apud RIBEIRO, 2006.)

Ainda segundo a professora Ormezinda:

“O professor, esse elemento fundamental de que nos fala Barzotto, é aquele que conhece a singularidade de cada uma das obras, conhece por tradição o texto realista, por vocação a teoria literária e por experiência o (des)interesse do aluno, que ele espera formar leitor, mas que não se sente nem um pouco atraído pela leitura da obra que lhe é sugerida pela escola. É esse professor que fará o papel de mediador da leitura, que promoverá a passagem da leitura de um texto escrito na linguagem atual, de interesse do aluno, ao outro, oportunizando essa relação de complementaridade em que vozes dos dois discursos se fundem formando uma rede de significações.” (RIBEIRO, 2006.)

Claro que o professor não precisa assumir uma posição de mambembe, menestrel, contador de histórias, mas é totalmente responsável pelo primeiro contato do aluno com as obras clássicas e, claro, por uma manutenção favorável deste.

Se o caminho não é retirar o peso de obrigação que a obra adquire em meio a tantas provas marcadas no calendário e avaliações diversas, resta ao professor saber passar sua leitura com brilhantismo, de forma a conquistar o olhar daquele que ainda não conhece a obra.

Se houver uma boa e ativa propagação das obras dentro de sala, apresentação de suas histórias e autores, não como clichês de eras literárias, mas de apaixonados visionários que enxergaram o mundo e o traduziram à sua maneira, até mesmo a barreira das “palavras difíceis” e do “livro com muitas páginas” será transpassada.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thaís Oliveira. *A leitura na escola e a formação do leitor no Ensino Fundamental I*. In: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wPVmO8STXkUJ:linkania.org/junior/article/view/35+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br 2012>> Acesso em: 26 novembro 2014

GIL, Gilberto. Parabolicamará. Intérprete: Gilberto Gil. In: GIL, Gilberto. *Parabolicamará*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1992. 1 CD. Faixa 2.

LIRA, Luciane Cristina Eneás; JÚNIOR, José Ribamar Lopes Batista; SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues da. *Redes sociais e práticas de leitura e escrita no Ensino Médio*. In: <[http://www.hipertextus.net/volume6/Hipertextus-Volume6-Jose-Ribamar-Batista\\_Francisco-das-Chagas-\\_Luciane-Lira.pdf](http://www.hipertextus.net/volume6/Hipertextus-Volume6-Jose-Ribamar-Batista_Francisco-das-Chagas-_Luciane-Lira.pdf)> Acesso em: 26 novembro 2014

RIBEIRO, Ormezinda Maria. *De Fernando Sabino a Machado de Assis: uma releitura de Dom Casmurro*. In: Janelas na Construção da Leitura. Uberaba: Vitória, 2006.

RODELLA, Gabriela. *A literatura não tem de partir dos clássicos*. In: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/07/literatura-nao-tem-de-partir-dos-classicos.html> Acesso em: 23 julho 2014.